

MISTÉRIO DE CARNAVAL

Nilza era uma espécie de ícone do jornalismo daquela grande cidade. Naquele tempo, mulher e negra era coisa desconhecida nas redações dos jornalões, por isso sua figura esguia e a vasta cabeleira “Black Power” eram sinônimo de rebeldia e incômodo para as machistas redações da imprensa escrita. Sua independência e o trabalho duro que desenvolvia, no entanto, a faziam referência na cidade que a acolheu como uma estrangeira.

Ele era um sujeito meio ranzinza, que se dizia técnico e apolítico, mas era o mais político de todos na administração municipal, sempre traçando estratégias e armações para engabelar a oposição e manter intacta sua posição de mando. Elogiado na frente, era detestado pelas costas, havia uma legião de detratores por sua arrogância imperial e permanente mau-humor, coisa que as brigas que tinha por vários motivos com servidores e munícipes em nada ajudavam.

Naquela noite de carnaval, o acaso os uniu num boteco da periferia conhecido por abrigar gente de posses por causa do chope gelado e do sanduíche de pernil. Embora se conhecessem por causa das entrevistas e por ambos serem figuras públicas, não tinham nenhuma relação. Por causa da lotação, acabaram sentando numa mesa para dois, a única que restava livre no lugar. Ambos pediram cerveja uruguaia e começaram uma conversa que foi longe, quanto mais álcool, mais riam e mais contavam coisas de cada um, ambos livres, ela solteira, ele descasado há anos.

O fato é que, naquele tempo em que não existia lei seca nem bafômetro, os dois saíram juntos e, para surpresa de ambos, toparam ir para o pequeno apartamento onde ela vivia, no centro antigo da cidade. Já entorpecidos pela bebida, ela dirigindo seu sedan novo em folha comprado a prestação, no caminho para o centro da cidade quase caíram no córrego Pirajussara, que não tinha guard-rails, não fosse a presença de espírito dele ao virar o volante abruptamente. Quando chegaram ao apartamento, ela foi logo abrindo um vinho chileno que guardava para uma ocasião especial e logo estavam aos amassos e beijos.

Na manhã seguinte, ela acordou com uma sede insaciável e a cabeça latejando. Olhou ao lado na cama, ele já não estava mais, havia desaparecido. No entanto, todas as suas roupas estavam lá. Camisa, calças, cueca, meias. Só os sapatos haviam desaparecido com o dono. Ele nunca mais ligou ou deu qualquer satisfação sobre o ocorrido, quando se encontraram pela primeira vez depois disso, na cerimônia de inauguração de uma escola da prefeitura, ele desconversou, como se nada houvesse acontecido e mal se conhecessem.

Nilza não ligou, prezava mais sua independência que qualquer outra coisa. Mas ficou o mistério do carnaval. Como ele foi embora, qual a fantasia? Pelado a pé? Dirigindo o carro pelado? Arrumou um cavalo como Lady Godiva? Alguém foi buscá-lo? Como? Nunca soube. Um mistério insondável, como os do universo.

Mauro Ferreira é arquiteto